

**Ismar
Becker**

beckerismar@gmail.com

Socorro! O piloto sumiu!

Já faz alguns anos que o Brasil tem um Presidente de direito (foi eleito), mas não de fato (que manda). Esta história começou com a Ensacadora de Vento e está terminando com o ex-presidiário campado no Planalto.

Segundo nosso dicionário dos sonhos (ops! Constituição) somos uma República Federativa, com regime Presidencialista. Desde o desastre econômico e político da Nova Matriz Econômica, os Presidentes vêm perdendo poder e verbas. Na semana passada começou uma guerra aberta que enterrou de vez o artigo 2º da constituição que diz: “São Poderes da União, Independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Na prática não temos mais governo. O que pode acontecer agora?

HISTÓRIA DE UMA DECADÊNCIA

Roberto Campos, avô do presidente do Banco Central, definiu a constituição com uma mistura de dicionário de utopias (coisas impossíveis) com a regulamentação minuciosa do efêmero (passageiro). Com 250 artigos, é a segunda maior do mundo, só perdendo para a Índia, desde que foi promulgada, em 1988, já teve 132 emendas. Para efeito da comparação, a constituição dos EUA é de 1787, é menor do mundo, tem 7 artigos e 27 emendas.

Criou direitos impossíveis de serem atendidos, despesas quase impagáveis, e um Presidencialismo dependente do Congresso (Senadores e Deputados). Por algum tempo existiu o Presidencialismo de coalização, que negociava apoios, depois passou para a compra descarada com o Mensalão e Petrolão. Os dois presidentes que não entraram no jogo foram afastados por impeachment.

A partir do (des)governo da Presidenta, como ela gostava de ser chamada, o Legislativo foi abocanhando mais poder e verbas. Chegaram ao absurdo de criar verbas secretas, e emendas pix, com dinheiro enviado para prefeituras fazer o que quiser. Como em política poder não existir vácuo, o enfrentamento do presidente anterior com o Poder Judiciário (STF), aguçou o apetite dos homens de preto, que conquistaram verbas e poder.

Ismar Becker é empresário e escreve quinzenalmente às quintas-feiras.

DESIQUILÍBRIO DOS PODERES

Apesar de ter sido presidente duas vezes, o ex-presidiário parece que aprendeu pouco, e esqueceu o pouco que aprendeu sobre a relação com o Legislativo. Menos de 30% dos 50,90% votaram nele. Os outros votaram contra o outro. Na Câmara e no Senado a base fiel de apoio não passa de 10%. Os outros tem que ser comprados a cada votação. Os últimos três presidentes tiveram que ceder uma fatia cada vez maior dos 90 bilhões de reais que sobram para investir depois dos gastos obrigatórios

GUERRA POR PROCURAÇÃO

Semana passada o Executivo declarou guerra ao que o PR chamou de sequestro do orçamento. Como não teve coragem de fazer diretamente, terceirizou a função para STF, mais especificamente para o ex-ministro da Justiça que ganhou a vaga faz alguns meses. Em decisão monocrática, depois aprovado por todos os ministros, foram suspensas todas as emendas impositivas, que deputados e senadores podiam fazer. O efeito foi equivalente ao garçom que cortou a bebida no meio da festa. A reação veio na hora: suspensão de todas as votações importantes.

CRÔNICA DA MORTE ANUNCIADA

Como não tem nada tão ruim que não possa piorar, o (des)governo armou uma arapuca para si mesmo com a vinculação benefícios, e dos gastos com saúde e educação ao aumento do salário-mínimo. Como o reajuste do mínimo será acima da inflação, e do crescimento da economia, vai sobrar quase nada (30 Bilhões) para investir. Ninguém ganha eleição sem obras para inaugurar.

O mercado, aquele que o PR não gosta, já fez esta conta e vai exigir mais juros para financiar o déficit fiscal. Até o provável futuro presidente de Banco Central, que será indicado pelo PR já disse isto. Conclusão: Apertem os cintos porque o piloto sumiu.

**Alexandre
Garcia**

editoria@gazetasbs.com.br

Tragédia ou farsa

Há 90 anos, em 19 de agosto de 1934, o chefe de governo da Alemanha, ou chanceler, Adolf Hitler, ao morrer o chefe de estado, o Presidente Von Hindenburg, decidiu assumir também a chefia de estado - e se intitulou Führer - o condutor. A partir de então todos conhecemos a história. Passou a ser condutor, legislador, dono das vidas, propriedades e direitos de todos. E levou a Alemanha para sua maior tragédia. Outro alemão, Karl Marx, já havia avisado que, quando a História se repete, produz tragédia, e na segunda repetição, gera apenas uma farsa. Passados 90 anos, muitos homens públicos, tomados pelos seus desejos e carências pessoais, continuam a gerar, sobre seus semelhantes, tragédias e farsas.

Aqui no Brasil, sem que tenhamos nos dado conta de quantas dessas figuras já povoaram nossos dias, continuamos testemunhando esses condutores do país, a nos levarem a lugar nenhum. Desde que nasci, convivi com alguns. Terminaram em tragédias, como Vargas, ou farsas, como Jânio. Agora estamos vivendo mais um capítulo de nossa história, outra vez com a Constituição desprezada, como em tempos do ditador Vargas, e com características de comédia, como nos rompantes de Jânio. E vamos repetindo, como se fosse a primeira vez, como se fosse uma novidade que surgiu do nada. Na verdade, surgiu da nossa complacência de deixar que os tais homens públicos decidam, com a suas decisões emocionais, os nossos destinos, de nossa família, de nossas empresas. Somos a massa de manobra que eles usam, para fingir que falam e agem por nós.

Logo depois do grito da Independência, fizemos uma Constituição. Durou até a da República. Os paulistas morreram por Constituição; Vargas fez e desfez a magna carta; os militares de 1964 precisaram da de 1967 e editaram o AI-5. E nós fizemos a cidadã, de 1988. Quem a desrespeitasse seria traidor da Pátria, como amaldiçoou o Doutor Ulisses. Nossos direitos e liberdades alicerçaram-se nela. “Censura nunca, cala-boca já morreu; quem for pessoa pública tem que aceitar crítica e sátira”. Beleza de democracia! Só que não. Quem precisava zelar pela Constituição foi quem permitiu desprezá-la. Quem jurou defender a Constituição, como Presidente da República, não reage, não a defende.

Agora estamos à mercê de uma única pessoa, o presidente do Senado. Da decisão monocrática do Presidente do Senado, para “voltar aos quadros constitucionais vigentes”, como eu tanto ouvi em 1955, na minha adolescência. Desrespeito à Constituição não é novidade para quem nasceu em 1940, mas continuo querendo respeito, porque a Magna Carta é o marco civilizatório de uma nação. Fora dela é nação fora-de-lei, lei da selva, campo aberto para um Führer ou Duce - um condutor, vista toga ou farda. De Gaulle não disse, mas a frase atribuída a ele - de que não somos um país sério - é verdadeira enquanto não tivermos o devido processo legal, o respeito aos direitos e garantias fundamentais, a liberdade de informação e de expressão, a vedação à censura e a inexistência de ambiente para surgirem “condutores” que nos conduzam à tragédia.

Alexandre Garcia é jornalista e apresentador.
Escreve às quintas-feiras sobre economia e política.**AG A Gazeta****(47) 3203-0022****www.gazetasbs.com.br**editoria@gazetasbs.com.br
comercial@gazetasbs.com.brRua Marechal Floriano 22,
89.280-343 São Bento do Sul, SC
Direção - **Cezar Celeski**, DRT 3850/SC
Editores - **Marcello Miranda**
e **Matheus Müller**Tiragem desta edição: **6.400** exemplaresCirculação: Planalto Norte Catarinense,
Piên e Rio Negro, PR**Editora Gazeta do Norte Ltda.**
CNPJ 00.506.497/0001-14
Insc. Mun. 8832
Insc. Est. 25.725.180-4**Rio Negrinho** - Rua Pedro Simões de Oliveira,
118 - Centro - (47) 3644-5082**Florianópolis**Rua Patrício Farias, 131 - Térreo - Sala 2.2 -
Itacorubi (48) 3031-0437 (48) 3222-0100
opec@sucursalcgm.com.brImpressão
Gráfica A GazetaAssinaturas: (47) **3203-0026**
assinaturas@gazetasbs.com.brDesconto mensal Celesc/Samae R\$ 40,00
Online semestral R\$ 95,00
Online anual R\$ 187,00
Trimestral R\$ 143,00
Semestral R\$ 259,00
Anual R\$ 460,00
Anual, para Florianópolis R\$ 660,00